

## EDITORIAL

### **Dossiê Brasil-China: um marco na internacionalização da geografia brasileira**

A Revista Entre-Lugar apresenta o segundo número de 2024, sua trigésima edição, publicada no final da primavera de 2024. Os agradecimentos primeiros. A Coordenadoria de Bibliotecas da UFGD, neste momento representada por Givaldo Ramos da Silva Filho, responsável na gestão da plataforma OJS. Ao empenho coletivo constante e o reconhecimento dos papéis dos autores(as), pareceristas e leitores(as) da REL. Esse espírito colaborativo permitiu a publicação deste Dossiê, pensado, construído por mãos diversas, presentes em diferentes locais do Brasil e da China.

A capa desta edição é uma criação de Rafael Brugnolli Medeiros e Charlei Aparecido da Silva, pesquisadores e docentes do Programa de Pós-Graduação em Geografia, idealizada a partir da bandeira da China, do logo dos 50 anos de Relações Diplomáticas entre Brasil e China, mesclados com os elementos do layout gráfico da REL. O resultado, a aproximação do Entre-Lugar Brasil-China por meio de uma estética viva e vibrante, que surge também no cabeçalho e no rodapé da REL.

O segundo número de 2024 conta com o trabalho de muitos, assim agradeço aos autores que submeteram seus textos, ao conjunto numeroso de pareceristas que a avaliação mobilizou. Especialmente, sou grata a duas pessoas que estiveram nos bastidores desse (imenso) trabalho, sem os quais a caminhada teria sido bem difícil. Agradeço ao Umberto de Andrade Filho, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia, pela quantidade de horas roubadas da sua tese e do seu descanso, no trabalho do que eu considero algo insano, que é o trabalho técnico, é dele a revisão técnica-científica e a editoração dos textos presentes nesta edição. Ao Editor, Professor Charlei Aparecido Silva, pela oportunidade de trazermos esse conteúdo para a Entre-Lugar e pela admiração que me provoca quando acompanho seu compromisso com a qualidade do periódico.

Este Dossiê celebra os 50 anos de Relações Diplomáticas entre Brasil e China e, por uma feliz coincidência, o início de promissoras atividades de cooperação e intercâmbio entre um grupo de pesquisadores da Missão Brasil-China<sup>1</sup> e intelectuais

---

<sup>1</sup> Detalhes sob a Missão estão publicadas no texto “Missão Técnica Brasil-China”, disponível em <https://doi.org/10.30612/rel.v15i29.18715>  
v. 15, n. 30, 2024 - ISSN 2176-9559



chineses. Somos motivados pela atual e relevante participação de ambos os países na geopolítica internacional e todos os seus desdobramentos.

Ao longo do ano de 2024, muitas foram as atividades desenvolvidas pelo grupo, entre pesquisas, trabalhos de campo, apresentação de trabalhos, participação em eventos, bancas de avaliação, divulgação científica, resenhas e *papers*, parte deles publicados neste Dossiê, que conta com treze artigos, uma sessão de entrevistas e duas resenhas.

A sessão de artigos abre com o título “*China: a teoria e a política na gramática do futuro*”, chamando a atenção para a linguagem chinesa que convida ao diálogo, propõe investir, construir, inovar, integrar, planejar, sem agressões bélicas ou financeiras. É uma oportunidade da qual se pode ou não fazer parte, representada pelas expressões “futuro compartilhado” e “prosperidade comum”.

Em seguida, temos o artigo da convidada chinesa Min Su, da Tsinghua University, China, com o texto “*Análise dos papéis e estratégias da China e do Brasil na cooperação econômica sob a competição sino-americana*”<sup>2</sup>. Su apresenta uma análise muito precisa, de forma clara, sobre a intensificação da competição entre EUA e China e como podem ser construídas relações de cooperação econômica entre China e Brasil. Esses dois artigos iniciais compõem uma primeira parte, que apresenta o tom das demais discussões.

Em uma “segunda parte”, o Dossiê foca na geoeconomia, com diversas entradas: agricultura, comércio exterior, investimentos e inovação. O primeiro texto foi escrito por Carlos José Espíndola, Roberto Cesar Costa Cunha e Elias Jabbour<sup>3</sup>, sobre “*A trajetória da tropicalização da soja: desempenho econômico e demanda chinesa*”. O texto tem apoio em um autor pouco conhecido da Geografia, André Cholley, que propôs a ideia de combinação de variáveis ou combinações geográficas e isto tem resultado em boas análises na produção intelectual dos autores, porque exige conhecimento das características intrínsecas da produção e da dinâmica econômica na qual está inserida.

---

<sup>2</sup> Rafael Bernardo Silveira traduziu o texto para língua portuguesa, tendo o cuidado com a correspondência de sentido e as pequenas adaptações que se fizeram necessárias.

<sup>3</sup> No momento da escrita, ocupava o cargo de Assessor da Presidência do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), mais conhecido como Banco dos BRICS. Os argumentos do texto são de responsabilidade exclusiva do autor.



O texto “*Estratégia geoeconômica chinesa na cadeia global de valor do café*”, de Fernando dos Santos Sampaio e Carlos Cassemiro Casaril, não surpreende em mostrar como o Brasil avança pouco na agregação de valor, algo que estamos familiarizados no cotidiano, mas o conjunto de informações qualificadas exige que se pense em uma estratégia, pois a distribuição desigual dos lucros na cadeia global do café é algo que o Brasil pode reformular, visto as bem sucedidas estratégias chinesas apresentadas pelos autores, e como a Luckin Coffee vem se destacando, ao contrário da situação da rede Starbucks.

Na sequência, o texto “*Análise das relações geoeconômicas Brasil-China no período 2013-2023*” apresenta três discussões em uma: a economia política dos dois países; informações sobre os avanços do socialismo chinês; e as informações sobre exportações e investimentos. A complementaridade entre Relações Internacionais e Geografia revela a identidade dos autores, que comungam do gosto pela análise da conjuntura política.

Quando a discussão foca na relação entre um estado e um país, caso de “*Made in China: as relações geoeconômicas do Estado de Santa Catarina (Brasil) com a nação asiática*”, os autores Eduardo von Dentz e Bruno Saggiorato não se limitam às exportações, como tem sido praxe, mas também incluem a pauta de produtos importados. Uma das questões considera da formação social do estado para a elaboração de uma estratégia para internalização de inovações e aprendizagem tecnológica.

No penúltimo texto, do que consideramos como segunda parte, o tema são os IEDs, em texto de Nilmar Rippel e Marlon Medeiros, sobre “*Ascensão chinesa e os investimentos diretos chineses no Brasil: o caso do setor de infraestrutura de transporte*”. Os dados apresentam preferência pelos investimentos em eletricidade (45,5%) e a maior modalidade escolhida é a *greenfields*. O que motiva e quais possibilidades isso abriria para a economia brasileira?

Cintia Neves Godoi enfrenta o tema “*Bioplásticos nos BRICS: análise das iniciativas nacionais e propostas para uma colaboração internacional*”. É um desafio porque o lucro atual está assentado em materiais menos sustentáveis e a pressão pela alteração enfrenta limites e resistências. A autora explora resultados já alcançados por África do Sul, Brasil, China, Índia e Rússia, em iniciativas muito mais isoladas do que



compartilhadas entre os membros do bloco e isso pode ser melhorado, com possibilidades de novas agendas de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) que tenham interesses comuns.

A terceira parte do Dossiê coroa “resultados”, os quais só conseguimos entender como possíveis após compreendermos minimamente alguns elementos desse socialismo com características chinesas, que foi comentado em vários textos anteriores. Embora sejam independentes entre si e permitam uma leitura que não seja na ordem apresentada. A capacidade de planejamento, de desenvolvimento regional, de expansão do bem estar social e a sintonia entre tradição e modernidade são detalhados e encerram a publicação da melhor forma.

Vitor Vieira Fonseca Boa Nova apresenta parte de sua tese defendida no IPPUR/UFRJ, no artigo “*O planejamento urbano-regional chinês como eixo de desenvolvimento econômico e social*”. É didática sua explicação sobre Planificação e desenvolvimento das forças produtivas, incluindo toda dificuldade que é trazer o Projeto, de Ignácio Rangel. Como os demais textos, tende a atrair leitores de diversas áreas e, em particular, muito tem a dialogar com arquitetos e urbanistas porque traz conceitos como Desenvolvimento Regional Coordenado e Nova Urbanização. A discussão, de certa forma, prossegue no texto seguinte: “*Desenvolvimento Regional na China no período de reforma e abertura*”, que particulariza a análise para o papel do Estado chinês e comenta a combinação entre mercado e planejamento descentralizado, apresentando a articulação entre economias de diferentes regiões, a presença das Township and Village Enterprises e do mercado externo, com as Zonas Econômicas Especiais.

Xangai, com mais de 22 milhões de habitantes, foi o objeto que norteou a discussão sobre a urbanização e a planificação em torno das intervenções do Estado. As ilustrações que os autores Pierre Alves Costa e Lisandro Pizzi Schimidt apresentam no texto “*Uma reflexão da reestruturação urbana em Xangai*” são muito ricas, algumas tiradas na viagem da Missão Técnica, da qual Pierre fez parte. O texto explora a teoria e as transformações, levando em conta a aptidão futura da cidade, a definição da área de ampliação do centro, as conexões com as áreas contíguas, periféricas e satélites e como os serviços financeiros foram se instalando e compondo a paisagem urbana.

Provavelmente, as condições materiais alcançadas pela sociedade chinesa atualmente são um dos pontos que mais enfrentam desconfiança. Não raro, há um



comportamento pouco coerente que nunca desconfia das estatísticas ocidentais, para sempre colocar em dúvida os números chineses. O que faz Isis Paris Maia, Luciana Pazini Papi e Diego Pautasso, autores do texto “*A construção do estado de bem-estar chinês: o caso da Lei de 2010*”, é trazer elementos factuais, da História chinesa, que é a Lei de Seguro Social de 2010, para explicar seus efeitos na melhoria da qualidade de vida e, posteriormente, na maior robustez da seguridade social. Para arripio das políticas neoliberais, os autores informam que a China trabalha a questão dos impostos e os direciona para expansão da cobertura seguro básico de saúde, seguro acidente de trabalho, seguro-maternidade e cobertura previdenciária.

Gabriel Valdetaro é um brasileiro que mora na China, Melissa Cambuhy é veterana nos debates e ambos estão com Zhang Changnian, na autoria de “*A tradição e a modernidade: a influência da cultura chinesa na diplomacia e nas relações Brasil-China*”, texto que encerra a sessão de artigos, retornando à homenagem que o Dossiê realiza aos 50 anos de relações entre os dois países. O papel das correntes filosóficas, a cultura como um ativo e o par tradicional/moderno são elementos ímpares da diplomacia chinesa.

Por falar em tradição, o Dossiê mantém duas outras sessões que são rotina nas publicações da Entre Lugar, as Entrevistas e as Resenhas. Na primeira, contamos com a valiosa colaboração de Isis Paris Maia e Diego Pautasso, que fizeram contatos e organizaram os textos; além das intermediações de Eduardo von Dentz, com o Professor Hu Bingchuan e minha, com Prof. Wang Fei. Me arrisco a afirmar que é o primeiro periódico de geografia que publica artigo e entrevista com intelectuais chineses. Se a Internacionalização é importante, com os chineses ela também tem sido colaborativa e horizontal.

As resenhas atendem aos que ficaram curiosos por aprofundar alguns assuntos aqui discutidos e premiam dois autores que participaram do grupo de discussão China-Brasil. A primeira resenha foi escrita por Eduardo von Dentz, sobre o livro de Elias Jabbour “*China: o Socialismo do século XXI*”. A segunda, por Fernando Sampaio, sobre a obra “*A China e a nova rota da seda: da reconstrução nacional à rivalidade sino-estadunidense*” de Diego Pautasso.

Por fim, eu não vou encerrar com formalidades porque são poucos os que lêem Editoriais. Preciso registrar que a publicação foi mais uma das metas alcançadas



pela Missão Técnica Brasil-China, grupo de pesquisadores que hoje chamo de amigos, com quem compartilho a trajetória de aprendizado sobre esses novos horizontes. Agradeço ao Carlos Espíndola, nosso pesquisador sênior, o mais experiente e qualificado do grupo no debate sobre China (também chamado de “tiozão do zap”); Fernando Sampaio, imprescindível com sua organização, que sempre encontra qualquer informação, texto ou foto em questão de segundos; Eduardo von Dentz, a quem recorro nos pequenos e grandes problemas (e que é o único que negocia com os comerciantes chineses de igual para igual); Rafael Silveira, por todo trabalho noturno sem pagamento de adicional, na jornada 6x1, que não deve ser fácil para sua alma sindicalista; Pierre Costa, por aquele comentário sobre não importar se não somos especialistas em determinado tema, é só ter o interesse e começar a estudar (o único que me chama de “menina Lisandra”); Fábio Contel, pelo rigor e bom humor, (estive envolvido com o Concurso de Livre Docência durante a execução desse Dossiê e seguiu nosso lema: “Não precisa ir todo mundo junto!”); Cintia, o sotaque goiano do grupo, que estuda temas estratégicos para o Brasil, seu dia em Goiânia deve ter mais que 24 horas; Bruno, que sempre se oferece para o trabalho, assíduo e atencioso, organiza nossos arquivos; Otávio, meu suporte para assuntos tecnológicos, vocalista de banda de rock, o único que se aventura no mandarim. Nossos gaúchos de estimação que se juntaram depois, a Isis, uma querida, que a gente pode acompanhar no @fiosdechina, e o gaúcho Diego, que qualifica o debate nas redes, através da conta @dgpautasso.

Para o colega carioca estudioso famoso que trouxe os estudos de China para minha pauta e, sem saber, dá exemplo de que dificuldade a gente supera, Elias.

**Lisandra Pereira Lamoso**  
Dourados, dezembro de 2024.

